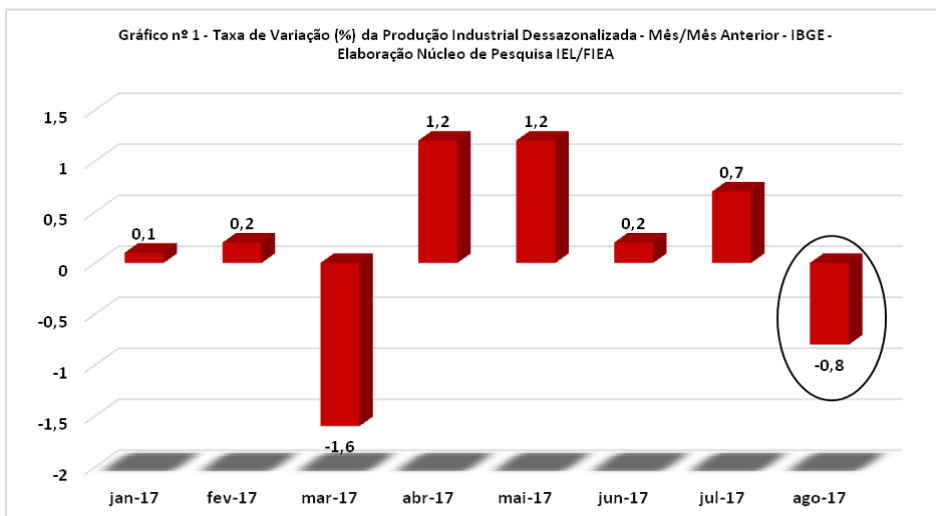




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

Indústria e Comércio em agosto: pausa na recuperação?

No mês de agosto do corrente ano, tanto a produção industrial, ver gráfico nº 1, como o volume de vendas no comércio restrito apresentaram queda em suas respectivas taxas de crescimento interrompendo quatro meses de resultados positivos. Alguns analistas econômicos tem alertado para a importância do bom desempenho da safra agrícola, alavancando as atividades do agronegócio, e da liberação do FGTS para explicar as melhorias dos resultados da indústria e comércio nos últimos meses dando, deste modo, a estes um caráter temporário. Contudo, uma parte expressiva do mercado vem sustentando que há fatores endógenos a motivar a recuperação da economia, como: continuidade da trajetória descendente da taxa de inflação aumentando o poder de compra das famílias; redução da taxa de desemprego, mesmo que com o aumento do emprego informal; expansão da oferta de crédito à pessoa física que contribuiria para impulsionar os gastos das famílias, que respondem por aproximadamente 65% do PIB; continuidade do ciclo de redução da taxa básica de juros (selic), com reflexos sobre o custo do dinheiro na ponta para famílias e empresas; e maior dinamismo da economia internacional junto com a recuperação dos preços das commodities, o que favoreceria os setores do agronegócio com transbordamentos para a indústria ou diretamente como no caso do setor automobilístico. Todavia, como apontado no Panorama Fiea anterior, apesar dos fatores positivos acima elencados, há riscos quanto a sustentabilidade da recuperação em função do insatisfatório desempenho do investimento, que continua apresentando elevadas taxas de retração e acumula queda



de -29,0% em relação ao segundo trimestre de 2014. Desempenho ainda insatisfatório da construção civil; elevada capacidade ociosa na indústria; e cortes nos investimentos públicos em infraestrutura, dentro da política de ajuste estrutural das contas públicas, são fatores que vem postergando a retomada dos investimentos empresariais no setor real da economia, apesar da melhoria das expectativas dos empresários. Outro fator que pode comprometer a continuidade do processo de retomada é a escassez de crédito para as empresas brasileiras. Segundo matéria publicada no Estadão em 16/10/2016, "a carteira corporativa de crédito caiu em agosto pela 20.ª vez consecutiva, levando sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) ao menor nível desde 2009. De dezembro de 2015 até agora, o crédito empresarial caiu de 28,45% para 22,21% do PIB, segundo os números do

Banco Central. Dois fatores explicam esse cenário. De um lado, estão empresas com elevada capacidade ociosa que pararam de buscar crédito no mercado porque não têm investimentos para fazer. Do outro, estão companhias inadimplentes, que precisam se financiar – ou rolar dívidas – e não obtêm aprovação dos bancos. Nos dois casos, no entanto, as empresas não conseguem sequer crédito para capital de giro". Por fim, pesquisa de satisfação realizada pela CNI em setembro captou aumento do índice de medo do desemprego, atingindo o segundo maior patamar da série histórica, o que pode diminuir o ímpeto de consumo das famílias, mesmo com maior oferta de crédito para pessoa física e menor taxa de inflação. Todos estes fatores apontam que o processo de retomada no mínimo não será linear e talvez ainda mais lento do que se esperava.

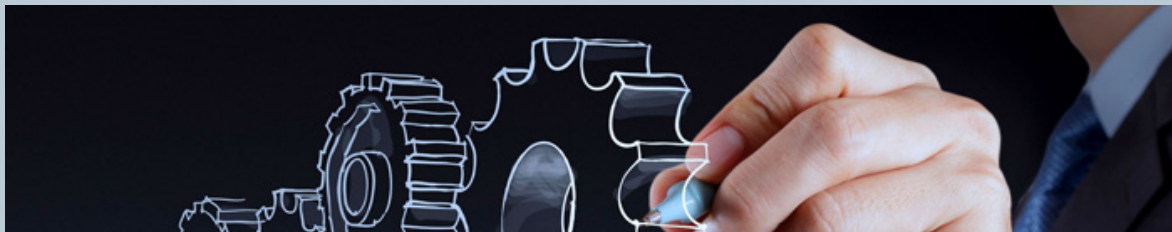
Cresce a aposta em selic abaixo de 7,0%aa

A trajetória descendente da taxa de inflação medida pelo IPCA nos últimos doze meses, de 8,48% para 2,54%, além de continuar surpreendendo o mercado financeiro, tem aumentado a probabilidade de inflação abaixo dos 3,0%, que constitui o piso da meta de inflação, no final de 2017. Apesar da mediana do mercado captada pela pesquisa semanal do BCB ser de IPCA de 3,0% no final do ano, em função dos efeitos positivos da supersafra agrícola nos preços dos alimentos; retomada gradual da economia; taxas de câmbio apreciadas e expectativas de inflação bem ancoradas. Em relação a quatro semanas atrás, de acordo com os últimos boletins FOCUS do BCB, as expectativas de inflação para 2017 e 2018 caíram de 3,07% e 4,10% para 3,0% e 4,02%, respectivamente. Por esta razão, algumas instituições financeiras passam a estimar selic abaixo de 7,0%aa no final

de 2017, apesar da mediana do mercado está em 7,0%aa. O Bradesco espera que a selic caia a 6,75%aa até fevereiro e o Itaú a 6,50%aa. Caso este último cenário se confirme, a selic haverá caído 7,75% desde o início do ciclo de baixa iniciado pelo Banco Central do Brasil e a taxa básica real de juros para um patamar próximo a 3,0%aa. Todavia, o mercado trabalha com taxa real de 4,0% no médio e longo prazo em razão dos níveis baixos de poupança da economia e de um possível aumento do risco Brasil uma vez que a continuidade das reformas, principalmente a da previdência, estaria em xeque. Apesar da trajetória descendente da taxa selic e pelo diferencial de sua taxa real em relação a de outros países emergentes, mesmo que atinja o patamar suposto acima no médio prazo, ainda continuará tendo uma das mais altas taxas de juros do mundo, uma vez que o percentual de 4,0%aa é mais que

o dobro das taxas chinesa de 1,87%aa e da Colômbia de 1,89%aa; quase o triplo das do México de 1,45%aa, da Indonésia de 1,41%aa e da Índia de 1,19%; e mais de quatro vezes a da África do Sul com 0,75%aa. Só perderia para a Rússia e Turquia com 4,32% e 4,02%, respectivamente. Sem falar dos países que hoje apresentam taxas de juros reais básicas negativas, como o Chile -0,29%aa; Malásia de -0,20%aa; Austrália de -0,17%aa; Taiwan - 0,59%aa; e Coréia do Sul com -0,93%aa. Em um contexto de campeão de taxa de juros real, a controversa decisão do governo de atrelar a taxa de juros de longo prazo do BNDES, agora TLP, a um papel do Tesouro sujeito a volatilidade dos mercados financeiros aumenta o custo de investimento dos empresários da indústria assim como o desafio da sustentabilidade da retomada.

A Produção Industrial Brasileira em agosto de 2017



O desempenho da indústria brasileira em agosto de 2017 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, queda na margem de -0,8%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 4,0%. De acordo com o IEDI, “O desempenho da indústria em agosto deixou a desejar. Por mais que esta variação negativa não coloque em xeque o quadro de reativação do setor em 2017, não se pode subestimar seu significado: ainda existem dificuldades a serem superadas antes que um verdadeiro processo de recuperação industrial entre em operação. A retração da

indústria como um todo decorreu, então, de bens semi e não duráveis (-0,6% ante julho com ajuste), em muito devido a alimentos, e de bens intermediários, cuja produção caiu 1,0%, depois de quatro meses seguidos de alta na série com ajuste. Este é um resultado de toda importância já que o dinamismo dos bens intermediários reflete o nível de atividade das relações interindustriais. Quando bens intermediários crescem é porque o sistema industrial como um todo está em operação”. Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo

com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,1% em agosto de 2017, recuando 0,6 pontos percentuais em relação ao mês anterior. O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80%). O indicador da CNI, a seu turno, também continua registrando um nível historicamente baixo da utilização da capacidade em julho de 2017: 77,8%, contra 81,3% na média desde jan/03. Na passagem de julho (77,5%) para agosto houve, pela segunda vez consecutiva, um aumento de 0,3 ponto percentual, já descontados os efeitos sazonais”.

Variações da Produção - Agosto - 2017 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,8	4,0	1,5	-0,1
Bens de capital	0,5	9,1	4,4	3,1
Bens intermediários	-1,0	2,0	0,7	-0,6
Bens de consumo	0,3	6,4	2,1	-0,2
Bens de consumo duráveis	4,1	18,5	11,1	6,7
Semiduráveis e não Duráveis	-0,6	3,5	0,0	-1,7
Extrativa Mineral	-1,1	2,6	6,6	3,4
Transformação	0,0	4,2	0,8	-0,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Jéssica Maria Silva Cabral

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Yan Vasconcelos Navarro

Luan Victor Ramalho de Oliveira